

Unifesp

em

Contos

(Edição II)

Universidade Federal de São Paulo - Unifesp  
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis - Prae



Unifesp

em

Contos

(Edição II)

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SO PAULO  
PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

UNIFESP EM CONTOS

COLETÂNEA DE CONTOS PREMIADOS NO CONCURSO  
UNIFESP EM CONTOS (EDIÇÃO II)

ORGANIZADORES  
ANDERSON DA SILVA ROSA  
ANDREA RABINOVICI  
FABRÍCIO GOBETTI LEONARDI

Ficha Catalográfica

---

Rosa, Anderson da Silva; Leonardi, Fabrício Gobetti; Rabinovici, Andrea. 2018 (org.)  
Unifesp em Contos : coletânea de contos premiados no concurso da Unifesp  
(2ª edição)

Vários Autores

1. Contos                    2. Coletânea            3. Literatura

ISBN 978-85-9174693-4

---

## **Reitoria**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Soraya Soubhi Smaili**

Reitora

**Prof. Dr. Nelson Sass**

Vice-Reitor

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria José da Silva Fernandes**

Chefe de Gabinete

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andrea Rabinovici**

Chefe de Gabinete

**Prof. Dr. Anderson da Silva Rosa**

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabel Marian Hartmann de Quadros**

Pró-Reitora de Graduação

**Prof. Dr. Esper Abrão Cavalheiro**

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

**Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes**

Pró-Reitor de Planejamento

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raiane Patrícia Severino Assumpção**

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

**Adm. Tânia Mara Francisco**

Pró-Reitora de Administração

**Prof. Dr. Murched Omar Taha**

Pró-Reitor de Gestão com Pessoas

## **PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis**

**Prof. Dr. Anderson da Silva Rosa**

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

**Prof. Dra. Lígia Ajaime Azzalis**

Pró-Reitora Adjunta de Assuntos Estudantis

**Ms. Fabricio Gobetti Leonardi**

Coordenador de Atenção à Saúde do Estudante

**Profa. Dra. Juliana Garcia Cespedes**

Coordenadora de Ações Afirmativas e Políticas de Permanência

**Danila Cristina Paquier Sala**

Coordenadora de Apoio Pedagógico e Atividades Complementares

**Profa. Dra. Luciana Aparecida Farias**

Coordenadora de Cultura, Atividade Física e Lazer

Comissão de Avaliação do Concurso  
“Unifesp em Contos (II Edição)”

Leonardo Gandolfi  
Marcelo Moreschi  
Paloma Vidal



# SUMÁRIO

PREFÁCIO - 10

NA AULA DE ESTATÍSTICA - ALEXANDRO AUGUSTO OLIVEIRA 14

CONVERGENTE - BRUNA MARIA DOS SANTOS 18

NEBULOSA - EDILSON LIMA ALVES 20

PERCEPCOES DO SILENCIO - FABRÍCIO COSTA 26

VAGALUMES - FERNANDA DE PAULA NAKATA 36

QUANDO ACABAR, O MALUCO SOU EU... - FERNANDO DE JESUS  
GUILGER\_45

29 - GABRIELA PAES 57

CICATRIZOU AZUL - JÚLIO CESAR MONTEIRO JUNIOR 59

O DOMO DE VIDRO QUE QUANDO VEJO PENSO EM UM PLANETÁ-  
RIO - MARIA LUIS DE MELLO 63

TIJOLO COM TIJOLO - MAYARA MARTINS 65

A MORTE E A PROFESSORA - NATHALIA SANTOS 68

## PREFÁCIO

Alegramo-nos enormemente em prefaciar este livro que nasce do “II Concurso Unifesp em Contos”, promovido pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da Unifesp e realizado ao longo do ano de 2016. A iniciativa é fruto das intensas reflexões que equipes pertencentes à gestão das questões estudantis e a comunidade acadêmica têm feito no intuito de ampliar e, ao mesmo tempo, aprofundar o conceito de permanência estudantil. Esta coletânea busca expandir o escopo e a implicação de ações institucionais para além do trinômio transporte, alimentação e moradia - necessidades fundantes da assistência estudantil. Chama a atenção para subjetividade, simbolismo e significados que emergem do enlace entre as necessidades, desafios, expectativas com a produção criativa de soluções e de vida por cada estudante.

O acesso às tecnologias, o apoio pedagógico, o cuidado com a saúde, o incentivo à produção cultural e à cultura, a sociabilidade etc., não podem ser simplesmente relegados a segundo plano nas políticas universitárias. Em inúmeros casos a relação de pertencimento, de estima, de adaptação, de troca de afetos, de solidariedade, inventividade, incentivo à criatividade, reciprocidade, identidade, entre outros, são basais para a mudança do olhar e da qualidade com que o(a) estudante se envolve no incrível e complexo período de “vivência universitária”. Essa vivência, coletiva e individual, não impacta só na permanência, mas na experiência vivida, como laboratório, treino e prática efetiva e se expande por outros tempos e períodos que se incorporam nas histórias das pessoas e da própria instituição.

A forma literária denominada “conto”, nesse sentido, é potencializadora de nossos objetivos, uma vez que abre um universo inteiro de possibilidades, estilos, linguagens que nossos(as) jovens escritores(as) podem explorar, desenvolver e codificar, nesse “ir além”, que é a capacidade de expressar e inventar, através de

palavras, situações, fatos e sentimentos. Como sabemos e vivenciamos no dia a dia o potencial de nossos(as) estudantes, não foi surpresa a qualidade dos textos que recebemos e a emoção que estes foram capazes de produzir em nós, leitores(as), com sua força e criatividade. Ainda sob o efeito da leitura, recomendamos fortemente que se deixem levar pelos contos selecionados.

Deleite-se com o conto altamente inspirado e maduro do estudante Alexandro Oliveira do campus Osasco. Ficamos atônitos com a qualidade do texto e por dias carregamos cópias para mostrar a outras pessoas que se juntaram a nós na condição de admiradores. Uma joia da literatura dada a capacidade de escolher e relacionar metáforas, a profundidade e a atemporalidade (para provocar o autor) das reflexões. Tudo isso a partir da temática “aparentemente simples” de um estudante com dificuldade em uma aula de estatística.

Já no conto da estudante Bruna Santos, a tocante frase final coroa uma comovente lição sobre o otimismo das relações, a possibilidade de belos e simples desfechos. Com o toque das ciências exatas (e inexatas ao mesmo tempo) ela constrói uma narrativa poética deslumbrante.

O plano de fundo dos contos, na maior parte das vezes é a própria Universidade. No conto de Marília Mello, da Baixada Santista, a observação do domo de vidro do prédio de aulas é a inspiração para reflexões sobre como somos pequenos frente ao universo, ou como podemos partir do absurdo e do comum da vida cotidiana para dar asas a reflexões corriqueiras e, ao mesmo tempo, profundas.

Já no conto de Júlio Cesar Monteiro Junior, a complexidade das relações familiares na interface com a vivência estudantil é mote para sua história, em primeira pessoa, sobre sentimentos contraditórios, diferenças entre gerações e a dificuldade com a mãe, num relato que pode ressoar na experiência de outros es-

tudantes, afinal de contas, nem tudo são flores nesse período da vida.

Estamos diante de uma coletânea repleta de dimensões e elementos para nossa leitura. Um olhar criativo de alguns de nossos(as) estudantes que, generosamente compartilharam suas vivências conosco. Por isso, agradecemos os autores da coletânea. Aproveitemos.

Para finalizar citamos a colaboração, de suma importância, de algumas pessoas para a concretização deste projeto. O aceite do Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Unifesp, o qual indicou um conjunto de docentes do curso de letras, altamente gabaritado, para leitura e seleção dos textos, foi de extrema importância para que pudéssemos proceder com a premiação. Nossos agradecimentos especiais à Rita Jover-Faleiros, chefe do Departamento à época da premiação e, Leonardo Gandolfi, Marcelo Moreschi e Paloma Vidal.

Boa leitura!

FABRÍCIO GOBETTI LEONARDI

ANDERSON DA SILVA ROSA

ANDREA RABINOVICI

**Classificação:**

1º lugar: Alexandro Augusto Oliveira (Campus Osasco)

Conto: Na aula de estatística

2º lugar: Bruna Maria dos Santos (Campus São José dos Campos)

Conto: Convergente

3º lugar: Mariana Luis de Mello (Campus Baixada Santista)

Conto: O domo de vidro que quando vejo penso em um planetário

## NA AULA DE ESTATÍSTICA

**Alexandro Augusto Oliveira**

Quando eu era criança a professora perguntou à classe que animal nós gostaríamos de ser, e minha resposta a essa pergunta se me fosse feita hoje seria a mesma que eu dei naquela época longínqua, para legítima e cômica estupefação da professora e dos coleguinhas, “ah eu queria ser um relógio”, “mas porque um relógio menininho”, ora porque um relógio nunca se atrasa nem tem que se preocupar com os próprios sentimentos, o relógio, esse belíssimo animal, quase tanto quanto o ornitorrinco, mas não de uma beleza puramente estética, como a deste mamífero aquático, mas outra beleza, mais profunda, metafísica, não-visível, a que mais me agrada, ah quem dera eu ser um relógio, previsível até na explosão de seus rompantes mais apaixonados e violentos, a eternidade reposta diuturna e cotidianamente no prosaísmo a um tempo solene e vulgar dos mesmíssimos gestos um zilhão de vezes repetidos, e ó musas do empíreo o que significa diuturna? e o que significa empíreo? um relógio acordando às cinco e meia da manhã tão somente pela pura gratuidade do hábito, façanha nunca antes realizada por mim, tirante os óbvios contextos de terremoto e de tortura, acordando às cinco e meia e ato contínuo se enfiando no interior de um antes limpo e dobrado par de calças jeans, estrategicamente colocado encima da cadeira não por obra miraculosa ou fortuita da Providência Divina ou do Acaso, esse brincalhão, mas ali posto como fruto de uma atitude delideradamente pensada, maduramente calculada como uma-dessas-coisas-que-a-gente-tem-que-fazer-na-noite-anterior-para-chegar-mais-cedo-noslugares-e-encontros-e-consultas-e-

-afins-e-assim-ninguém-ficar-te-olhando-com-aquela-(compreensível)-cara-de-”mas-por-que-você-não-acorda-mais-cedo?”, um relógio barbeando-se e cuidando de suas abluções matinais bem como do café da manhã que reintegra ao corpo, esse mecanismo misterioso e delicado, as forças despendidas no sono, essenciais para se enfrentar o dia que assoma à porta, e que dia formidável e maravilhoso é esse, meus doutos senhores, eruditas senhoras, épico como uma peça de Sófocles (na suposição de que esse cara escrevesse coisas épicas) pelos valores antiquíssimos que reafirma na encenação não-afetada de seus microscópicos heroísmos, de seus minúsculos dramas, futuros objetos de análise dos arqueólogos e historiadores do porvir, que verificarão, surpresos, e a surpresa é a de sempre, serem esses os mesmos gestos de todas as pessoas em todas as épocas, a patética e cândida e terna e risível tragédia de uma-pessoa-contra-o-tempo, a odisseia de um relógio na sua sutil e fatal escaramuça contra o instante enquanto para no ponto e espera seu ônibus que quem sabe pode muito bem hoje vir desgovernado e o atropelar; chego na aula de estatística e sento em uma carteira, atrasado porque não sou um relógio.

Enquanto minha infinita e ainda não explicada náusea do mundo se esborracha displicentemente contra o vidro da janela como uma pomba cega, uma doce e lânguida pombinha kamikase, no enunciado de uma questão de estatística, tinta azul sobre a superfície branca, resplandece límpida e legível nada menos que A VERDADE, nítida como o reflexo da lua sobre um lago calmo, como a face inolvidável de Narciso afogado. Eu vi a verdade e depois não quis mais tê-la visto, vi a verdade e a verdade era tão desconcertante quanto o avesso de um triângulo enxergado em

sonhos ou uma bota com flores dentro. Eu vi a verdade e a verdade era [a fórmula da variância, que é muito feia] pelas sílabas de Homero o que é isso, pelos olhos de Afrodite isso é alquimia, ou então um Verbo muito antigo, pela coruja nos ombros de Atena e pela venda nos olhos da Justiça isso é uma inscrição mágica num livro de feitiços.

Enfim satisfeito, o professor girou sobre si mesmo, pondo-se de frente para a classe, e pairou levitando, como um pássaro em cima de um sopro, no complementar de um conjunto que ele próprio engendrou, detentor e demiurgo das fórmulas das quais extraía um mundo à força de descrevê-lo. A menina delgada e singela à minha frente, que até então brincava com o lóbulo da orelha perdida entre os fios de cabelo, os artelhos de sua mão se retesando e voltando à posição anterior e então se contraindo novamente como as cordas de um piano, súbito desperta de sua distração, põe os óculos de volta no rosto e torna a prestar atenção. O que o professor então disse ela entendeu, ela e os outros, não eu, perdido noutro tempo, girando noutra esfera, coincidentemente deixando-me ficar largado no canto mais escuro da sala.

Por tudo isso me lembro agora de quando a professora da quarta série nos perguntou que animal nós gostaríamos de ser, ah quem dera eu ser um relógio, com suas ritmadas perninhas refazendo o périplo circular de seu destino ancestral, perninha ante perninha como um ponteiro atrás do outro, ponteiros que se fecham e se abrem tal as lâminas de uma tesoura que corta a delicada tessitura do tempo, mil vezes desfeita e cerzida e desfeita outra vez, a tapeçaria barroca da memória, o cânone inequívoco do adágio e do anexim e do exemplo, o exemplo repostos dos atos executados

sem dúvida, ordenando assim numa miraculosa hierarquia a multiplicidade de outra forma talvez inapreensível do vasto universo, ah o vasto universo das coisas humanas, ah quem dera eu ser um relógio e traduzir na batida regular e segura de meu coração como um ponteiro apenas o tempo, seguras e secas batidas no silêncio, e então sair a conviver, no mesmo ritmo de meus contemporâneos que estudam estatística.

Mas talvez eu não seja um relógio, narrando com o passo exato e regular de seus dois ponteiros a crônica do tempo, talvez eu seja uma bússola, com um único e indeciso ponteiro procurando seu Norte.

## CONVERGENTE

**Bruna Maria dos Santos**

Ele real, ela complexa. Não se conheciam, nem mesmo no imaginário. Até aquele dia. O dia em que nada faria a diferença, o dia que era para ser apenas um dia no campus. Ambos ali, entre tantos alunos, no ICT, parametrizando voltas e voltas sem nenhuma intersecção. Até um termo em comum - o cansaço - ser reduzido a uma área em que ambos estavam contidos. Num perímetro menor e com as possibilidades de um encontro crescendo exponencialmente, foi inevitável eles se notarem. Ele sentado na grama e ela próxima a uma grande raiz. Os olhares, com mesma direção e sentidos opostos, se encontraram, o mínimo sinal de um sorriso da parte dela e o máximo sinal de interesse da parte dele, se completaram. Sabiam, mesmo sem saber, que seriam ótimos.

Não se conheciam, nem mesmo no imaginário. Até aquele dia. Não se sabe bem o que aconteceu no começo desta formação de conjunto, onde um passou a ser domínio de si e imagem do outro. Só se sabe quando a soma passou a dar certo, quando um mais um realmente passou a ser dois. Tempos depois a soma melhorou, um mais um passou a ser apenas um. E em breve três. Sim, eles se multiplicaram, e uma pequena fração foi se formando, e quanto mais essa fração se aproximava de um inteiro, mais o bem querer era grandemente elevado.

A vida levada em contas, curvas, momentos de máximos e de mínimos, buscando o equilíbrio e integrando forças para resgatar qualquer coisa a mais de pequenas constantes. Derivando para simplificar, otimizando pontos e determinando direções. Assim passavam a ser. Dia após dia em um compartilhamento de

emoções.

Vinte anos se passavam desde o primeiro dia, e desde então, a história era plotada em linhas fortes, completamente deriváveis desde “aquele” primeiro ponto. A linha seguia caminhando para um equilíbrio, os desentendimentos sumiram, os inteiros cresciam e deles surgiam novas frações que, um dia, seguiriam seu caminho. Mas chega um ponto onde as linhas se enfraquecem, as quedas são constantes, as linhas mais isoladas. Neste ponto, eles tinham grande magnitude, mas a direção já não importava tanto. Ela complexa, ele real. Ela o apoiando, mesmo com linhas finas, fracas e, já a esta altura, tortas. O gráfico fora perfeito, mas era sabido que são poucas as integrações que conseguem ter como limite superior o infinito. A linha agora fica incompleta. Sem a parte real, a complexa ficou enfraquecida. A representação completa não demoraria a se findar. Ela complexa, ele real. Agora, ambos imaginários. Foram ambos complexos, foram ímpares e mais que isso: foram par.

## NEBULOSA

**Edilson Lima Alves**

E todo o universo ali contido foi atraído por dois buracos negros. As partículas, na lufa de poeira, foram sucumbindo, sem protesto ou resistência, se agrupando e se colidindo, em seu efêmero trajeto rumo à escuridão total, destino final. Sorvidas, foram condensadas, fundidas e consumidas. Transportadas à outra dimensão. Ar bebido fogoagua. Transformadas em odores, aquarela transparente, ar cinzido tabacetonarsenicotinaftalina tocofogo, cujas pinceladas suaves e rudes, multicoloria imagens nas telas brancas da consciência. Chão roupa roupachão relaxador pelido miador. Afastou o focinho.

Começou a percorrer o corredor de um canto ao outro, cabisbaixo, com passadas ágeis, semelhante a um saltitar, como se o sol que ali incidia houvesse transformado o chão em brasa; seu cicciar era intermitente, e a amplitude crescia progressivamente, assimilando-se, de início, a um leve ranger de roldana mal engraxada, transformando-se em acorde agudo de guitarra, e, por fim, encontrando seu tom semelhante a canto de pneu no asfalto; e, regressivamente, de pneu a guitarra, de guitarra a roldana, de roldana a silêncio. Caminhou em direção à fachada, passando pelo engradado plástico repleto de garrafas de vidro, pelo saco de juta rijo e avolumado, devido as latinhas amassadas em seu interior, e pelo saco de lixo violado, que do rasgo em sua superfície emborcavam no chão restos de feijão arroz frango cabeça ossos pés entranhas cascas de banana maçã laranja mexerica ovo bitucas bitucas bitucas de cigarro. Deu de encontro com dois potes de alumínio em frente à casinha de madeira, um deles vazio e o outro

repleto de farelos, envolto por alguns grãos estufados e murchos. Inclinou a cabeça sobre o pote vazio, tentando encontrar ali gota d'água antes não percebida. Resignou-se e voltou ao corredor, aonde reiniciou seu ciciar: roldana; guitarra; pneu; guitarra; roldana; silêncio.

O cão, cuja esperança já não era mais vista, debilmente ouvida e pouco farejada, decidiu por ocultar-se dos raios de sol na sombra projetada pela árvore do terreno vizinho, cujos pardais que ali se aninhavam haviam cessado o gorgolejar fazia horas. Deitado em meio a folhas secas e gravetos, o cão possuía um olhar melancólico, incapaz de fixar qualquer coisa, consolados apenas pelas pálpebras, ternamente semicerradas. Súbito, a orelha esquerda eriçou-se num só ímpeto, inclinando-se para a lateral; o cão ergueu-se, aprumando o corpo, correndo em seguida até a porta, aonde, novamente, recostou o focinho no limiar. Um monte de odores que podiam ser sentidos no horizonte, humano pata pérfume femeador ovovem bebido fogoagua cinzido tocofogo pelido miador mãe, e expandiam-se cada vez mais. O cão passou a saltar, ciciar e arfar entusiasmado, dando leves empurrões na porta, incapaz de vedar por completo o som das palmadas que a velha chinela dava no piso, que o cão captara anteriormente, assim como os estalos produzidos pelas articulações do joelho, agora captados pelo animal. Os sons cessaram repentinamente, e, durante esse brevíssimo instante, o cão arfando de cócoras estático com exceção da cauda que se movia por conta própria observava a maçaneta, que, ao torcer para a esquerda, liberou um estrondo oco, e o cão, ao ouvi-lo, teve o coração entrando em disparada, feito cavalo de turfe ao ouvir o estampido do revólver, rodopiando a cauda dando corda ao corpo o cão saltava arfava

ciciava farejava os pés as mãos o ventre a traseira da mulher que saíra por detrás da porta. Diminuída a euforia, o cão pôs-se a vasculhar em meio as folhagens no quintal, pataplanta, trazendo um graveto entredentes, cercando a mulher com as orelhas eretas e um olhar piedoso.

- Quan-tas-ve-zes-eu-já-fa-lei-pra-não-fu-çar-o-li-xo!

Após oferecer um graveto e receber como gratificação um safanão, o cão ciciava com a repreensão, que doera por fora e por dentro, recolhendo-se em sua pequena casa de madeira, ouvindo dali um forte estrondo, choque entre batente e porta, provocado pelo empurrão seco da mulher, que, adentrando, recostou suas costas ali mesmo, como se a madeira envernizada exercesse atração sobre as escápulas. A cabeça, suspensa a frente, unia queixo e tórax, que expandia e retraía a cada vez que suas narinas, com esforço, sorviam e repeliam o ar lúgubre da sala-de-estar, tremulando as finas mechas onduladas que deslizavam à frente, cobrindo os olhos cerrados enterrados em olheiras e tocando os grossos lábios com a ponta dos finos dedos. Descerrou os olhos.

Desencostou-se da porta. Arrastava as chinelas em direção à cozinha quando – droga! – tropeçara em uma garrafa de vidro vazia emborcada; susto que fez com que ela fixasse seu olhar no chão, fiscalizando o trajeto de seus pés, que contornavam as peças de roupas emboladas sobre o chão e o tapete no centro da sala. Ali; avistara o isqueiro vermelho na fenda entre assento e encosto do sofá, cujas bases laterais se encontravam completamente desfiadas, com a espuma e a carcaça de madeira expostas. Pegou-o. Deu uma breve escaneada sobre o sofá. Não, não está. Foi para a cozinha.

Súbito, sentiu uma massa aveludada roçar-lhe as canelas,

emitindo um ronco de motocicleta longínqua, acompanhado de um miado amoroso e suplicante. Esfregando cabeça, espádua, flanco, anca, e cauda, que finalizava a demonstração de afeto com um delicado chicotear, para, em seguida, começar tudo outra vez o gato que dormira aninhado no vão de suas pernas, despertara ao mesmo instante, acompanhara-a no banheiro enquanto ela se debruçava sobre a privada, seguindo-a em direção à cozinha, da cozinha à sala, e parando aí porque o quintal, próxima parada era território perigoso ao gato a vencia pela insistência que ela tentou ignorar, indo atender, com isqueiro em mãos, as exigências do felino.

Abriu umas das portas do armário da bancada da pia da cozinha, inclinando sua coluna, se deparando com álcool líquido em gel sabão em pó em pedra alvejante amaciante desinfetante detergente; abriu a outra e lustra-móveis palha-de-aço teia-de-aranha água-sanitária areia-sanitária ração canina felina, aqui, pegando o saco que, ao farfalhar, tornaram os miados do gato ainda mais frequentes, o olhar mais suplicante, e a língua áspera a deslizar no focinho deliciosamente. A mulher inclinou o saco parcialmente vazio no pote parcialmente cheio; o gato emitiu um ruído dócil, talvez agradecendo, talvez aprovando, talvez arguindo, e com pressa meteu a cara ao pote, deleitando-se de olhos cerrados, aprumando, com arrogância, a pelugem da corcova cada vez que sentia a mão humana correr sobre ela. A mulher ergueu-se com esforço, e o estalo produzido por um de seus joelhos confundiu-se com o estalo provocado pelos grãos ao estourarem na boca do felino; permaneceu estática, tentando recordar quais seriam os próximos passos. Pedindo por alguma recordação, foram lhe entregues recordações demais. Direcionou os olhos à mesa,

procurando em meio à lata emborcada que respingava cerveja e atraía o cordão de formigas que se esbarravam e se cruzavam a lata de inseticida os miolos de pão amassados o pó de café em cima da tolha amarrotada o jornal que dizia Governo cria imposto sobre as páginas o leite derramado pelo gato que mergulhara as patas e havia feito um rastro de pegadas que ia até o prato com restos de feijão arroz e omelete onde moscas pousavam sobrevoavam e pousavam na cerveja nos miolos no pó no jornal no leite no cinzeiro com o logotipo marlboro o maço de cigarros recostado ao lado o celular pegando-os. Abriu o maço, dando a sorte do azar - ou o azar da sorte – de se deparar com um único cigarro, levando-o até os lábios e o acendendo com o isqueiro, que, finalmente, era solto de suas mãos e deixado sobre a mesa.

Atirou-se sobre o sofá, cigarro na boca, em mãos o celular, 13:45, o cigarro foi tecendo filetes prateados na atmosfera azulada, o dedo ia correndo pela tela, ligando círculo com círculo até não haver círculo nenhum, apenas ícones espalhados sobre a imagem de um casal de sorrisos largos ombros unidos bêbados de alegria com copos cheios de chope brindando em direção à mulher do outro lado da tela abria o aplicativo de mensagens. Bruno Oi Lu, vc ta bem? NVG Amigos kkkkk Alberto Que tal nós irmos um dia desses ao b... Carlinhos oiii mocinhaa Família bom diiiiia!!! Jaime Amor Volta <3. Volta<3. Mensagem enviada na noite anterior, em um momento em que estava embriagada pelo álcool, pelo pranto, pelo desespero. Mensagem enviada, visualizada e não respondida. Volta <3.

Volta?

A tela do celular apagou-se, refletindo a luz do cigarro, distorcida a cada lágrima que ali se esparramava, ao despren-

derem-se do rosto. Escorriam as lágrimas, escorriam as narinas, escorriam as esperanças da mulher que, ainda que relutasse em aceitar, ainda que mal pudesse digerir a ideia, ainda assim, dolorosamente, a muito custo, passava a compreender que raras são às vezes em que o amor é como um graveto, que você atira ao outro, e aguarda, com um sorriso no rosto, que ele o traga de volta, entre os lábios, e o devolva contente, no aguardo para que seja atirado novamente, e ele possa, incansavelmente, devolvê-lo mais uma vez, com ainda mais satisfação. Na grande maioria das vezes, amor é razão que se põe ao pote: satisfeitos são aqueles que possuem alguém para servi-los; aos insatisfeitos, tudo o que resta é perseguir aos passos, ofertar carinho e suplicar por atenção, pois, sem amor, morre-se de inanição.

## PERCEPÇÕES DO SILÊNCIO

**Fabício Costa**

Costumo pensar que há detalhes em algumas situações do cotidiano que nos dizem muito a respeito das pessoas, as expressões faciais e corporais, a voz, o olhar, o comportamento, as reações, tiques, dentre outros. Acredito que são nos pequenos detalhes que encontramos grandes significados e denomino a capacidade de interpreta-los de percepções do silêncio pois diferentemente das palavras, os sentimentos se propagam no silêncio.

As percepções do silêncio não são um julgamento sem conhecimento, não se trata de sentenciar alguém à uma característica, tomar suposições como verdades absolutas. É olhar para alguém e inferir possíveis características buscando confirmá-las por diversos meios, o que torna o nome “percepções” um pouco sugestivo.

Todos os dias quando ia para biblioteca da Unifesp, eu selecionava os livros que iria estudar e ia para uma mesa isolada das demais, em um local que eu costumava chamar de “espaço especial”. Ficava encostada na parede no fundo da biblioteca, entre a última estante de livros e as salas de estudo coletivo. Esse lugar era tranquilo, me fazia manter a concentração sem ser interrompido por situações como as conversas dos demais estudantes.

Eu me sentia seguro nesse local, seguro das pessoas, sem ser alvo de “juízes sociais” ou chacotas. O fato de ser gago, cabelos longos e cacheados, fraco, andar sempre com roupas desgastadas e ter cifose, por conta dos pesados livros que carrego todos os dias, são características que não fogem aos olhares alheios

que buscam assuntos para seus diálogos desinteressantes e infrutíferos.

Sou solitário e não me incomodo com isso, nunca fui bom em fazer amizades e embora gostasse da ideia de ter amigos, sempre foi difícil mantê-los, pois há diversos fatores à respeito da minha personalidade, e essas percepções do silêncio, que me fazem cobrar dos demais a capacidade de me compreender quando na verdade nem eu me compreendo muito bem.

Uma vez li uma pesquisa que falava sobre as amizades verdadeiras, estabelecidas nas universidades, durarem para vida toda. Confesso que me empolguei um pouco ao ingressar no IC-T-Unifesp, já que desde então não tinha amigos. Já ouvi diversas vezes frases como “Você nunca terá amigos se continuar assim”, mas assim como? me perguntava.

No fundo só desejava empatia.

Essa minha solidão me acompanhava em todos os lugares. De certa forma eu preferiria ficar sem conhecer muitas pessoas. Eu sempre tive dificuldades para manter contatos e de fato cansava de dizer “oi” ou “olá” sempre que encontrava uma pessoa com a qual só tinha conversado uma vez.

Eu lia diversas obras sobre amizade, amor, felicidade e outros anseios humanos, analisava a personalidade dos personagens, realçava suas características especiais, o que me fazia gostar deles ou entendê-los melhor. Não acreditava em vilões, acreditava em pontos de vista. Muitos seguem caminhos pelos quais acreditam seja lá qual for o objetivo e compreender isso torna-se complexo no momento em que você recusa um ponto de vista.

No restaurante universitário fazia a refeição sozinho, nes-

ses momentos a minha mente voava e trazia a tona cenas ou momentos que vi ou li, tratava-se de um convite à reflexão desses memórias.

Certa vez, estava indo para o espaço especial quando me deparei com alguém sentado no local. Era um garoto, cabelos curtos, usava um óculos com a armação cujas lentes eram circulares, um moletom azul escuro acompanhando de uma calça preta com chinelos desgastados. Era magro e sua pele demonstrava exposição frequente ao sol. Sua magreza possibilitava supor que talvez fosse oriundo de família humilde.

A princípio fiquei desorientado, não havia outro lugar com as características tão agradáveis e satisfatórias como a localização daquela mesa, era única, era um espaço no qual poderia me isolar de tudo e de todos, poder fazer as minhas devidas atividades sem a paranoia de que alguém estaria me observando ou me fazendo alvo de chacota.

Tentei, mas não encontrei nenhum outro local como aquele. Ele era único.

Nos dias seguintes a mesma coisa. Já desanimado para as aulas, o ICT (Instituto de Ciência e Tecnologia) não me era mais o mesmo.

Ele chegava mais cedo que eu e ocupava o local. Não o culpo se o local também despertou nele as mesmas sensações despertadas em mim. Então éramos semelhantes em algo, mas se o local fosse para ele como um outro qualquer, ele estaria roubando de mim algo que era importante. Eu não me considero único e por isso às vezes pensava e desejava que aqueles que, assim como eu, se escondem no silêncio, pudessem ter um local único no qual se sentissem confortáveis e seguros.

Fiquei curioso.

Pensei, será que aquele local se tornou especial para ele assim como é especial para mim? Se sim, abriria mão dele pois sempre sentia que aquele espaço era bom demais para alguém como eu.

Passei a observa-lo.

Desloquei uma das mesas da biblioteca para um local mais próximo do lugar especial para observa-lo. Embora esse local não possuía características satisfatórias, eu conseguia manter a concentração nos estudos razoavelmente, já que quase sempre haviam situações que a “deslocava”. Como certa vez que algumas pessoas sentaram próximo à mim e começaram a comentar sobre uma festa que haviam ido outro dia. Minha linha de concentração foi parar naquele diálogo durante uns dez minutos.

Aquelas pessoas riam feito hienas enquanto um deles narava contos dessa festa, demonstrando sua completa ignorância.

Lamentei. Odeio festas, elas perturbam o silêncio.

Dias se passaram e o garoto continuava lá com sua garrafa de água sempre à sua direita enquanto estudava. Descobri a turma, o turno que ele estava e seu nome. Ele (Loke) estudava no turno noturno, mas passava o dia todo na universidade. Como eu morava em uma cidade próxima à São José dos Campos e as condições do transporte me restringia a 17:30, sendo assim não podia usufruir do espaço no horário em que ele não estivesse lá.

Loke era um garoto sistemático, diga-se de passagem, todos os dias chegava minutos antes da biblioteca abrir com sua sacola contendo nada mais que um pão e uma garrafinha de 300mL de suco de uva e ficava lá até às 17:30 quando ia jantar. Ele não almoçava.

Confesso que tive que faltar uma ou duas aulas para obter essas informações, mas cada informação obtida era como uma peça de um quebra-cabeça que eu adquiria. Algumas peças estavam ocultas, outras estavam tão danificadas que se tornaram ambíguas. Algumas outras eram claras, mas não me davam dicas de quais poderiam ser as próximas peças.

As percepções do silêncio são uma ferramenta para esse quebra-cabeça assim como a matemática é para a estatística. Elas auxiliam a chegar ao resultado e obter possíveis conclusões. Ou ainda um algoritmo ótimo para ver pessoas além do que aparentam ser, ou seja, é o melhor dentre todos os métodos para resolver um problema.

É o que acredito.

Dia após dia continuava a monitora-lo, até que ele veio em minha direção e logo pensei: “Ele notou que ando o observando”, mas ele apenas veio à minha mesa pedir uma borracha emprestada e logo começou a puxar assunto.

— Você também fica muito tempo aqui não é?

— É, bem, sempre que, quero dizer, quando tenho um intervalo grande de uma aula para outra, é bom, quero dizer, gosto de ficar por aqui. — Disse eu com esse jeito bagunçado.

— Vejo que você está cursando cálculo em várias variáveis. — Disse ele olhando para o meu livro sob minha mesa e meu caderno com um exercício semi-resolvido de integral de linha.

— Sim, sim. Estou cursando.

— Deve saber muita coisa de cálculo. — Disse ele com um tom de interesse.

— É, bem, na medida do possível.

— Poderia me ajudar em uma questão de Cálculo em uma

variável?

— Posso tentar.

Eu o ajudei. Confesso que internamente havia ficado feliz. Se fosse eu no lugar dele nunca iria na mesa de um estranho pedir ajuda por maior que fosse minha dificuldade, acho que isso as vezes me impede de ir em monitorias ou tirar dúvidas com professor. Eu sempre consegui ficar na média embora minhas notas não fossem consideravelmente altas.

Como é de se perceber, eu travo muito nas palavras, é como se houvesse um programa do tipo força bruta no meu cérebro onde eu paro, penso na mensagem que quero passar à pessoa e então começa esse processo de buscar e comparar palavra por palavra na mente para formar a frase e, como esse programa é cheio de falhas ela não sai perfeita, às vezes aparecem palavras repetidas, fora de ordem e muitas vezes deixando a frase confusa.

Acredito que o motivo disso é que meu banco de dados mental é pobre. Durante todo o ano na escola eu quase nunca conversava com ninguém, era isolado, quando não estava na escola estava no computador, jogando, aprendendo algo novo, diga-se de passagem, eu era um misantropo ou quase pois às vezes conversava com meus pais.

Temia que Loke não compreendesse minha explicação, pois atropelava muito nas palavras, ou até mesmo passar uma imagem de arrogante, mas ele compreendeu e não aparentou me ver dessa forma. Já era o meu terceiro semestre e ainda não havia conversado com ninguém da UNIFESP e aquele evento, de fato, me foi agradável.

Dali em diante ele passou a vir mais vezes me pedir ajuda

com alguma questão, as nossas conversas foram evoluindo com o tempo, e começamos a falar sobre gostos, expressar opiniões sobre os mais variados assuntos.

Sempre tive medo de expor minha opinião e ser linchado verbalmente. É mais fácil nos depararmos com pessoas cuja preocupação maior é convencer ou obrigar a tomarem seus pontos de vista como únicos, utilizando para tal até mesmo as falácias cheias de “você está errado!”, do que aquelas de mente aberta que, embora discorde dos outros, busca apresentar suas percepções com argumentos que o levam a esse raciocínio.

O Loke tinha a mente aberta.

Dias se passaram e eu resolvi tomar coragem e ir até a mesa dele perguntar se ele gostaria de almoçar, eu sabia que ele não almoçava, mas esperava finalmente descobrir o motivo disso.

— Estou sem fome. — Ele disse.

— Tudo bem então.

Eu gostaria de pergunta-lo se ele tinha certeza, pois o jantar só era às 17:30 e só o vi tomando café da manhã, mas temi que ele percebesse que eu sabia de seu jeito sistemático como, por exemplo, o fato de trazer o pão e suco de uva já que ele estava lá desde as 8:00 a.m. e eu só cheguei as 10:00 a.m. Talvez isso o assustaria e ele poderia pensar que eu era um maníaco.

Me tornei paciente. Dois semestres seguintes já estávamos bem próximos de sermos amigos, até jantávamos juntos. Digo isso porque ele já começava a comentar razoavelmente algumas coisas sobre ele, o que nunca fazia. Ele era meio fechado, sempre evitava falar sobre qualquer coisa que o envolvia.

Uma vez comecei a falar da minha rotina para perguntar sobre a dele, o que sempre funciona. Ele disse que a dele não era

nada demais, acordava cedo, fazia o suco, ia na padaria e depois pegava o ônibus para o ICT para chegar cedo e ficar estudando. Depois falou sobre suas perspectivas

Quando já havia concordado comigo mesmo que aquele local era para ele eis que ele chega à minha mesa pedindo para desloca-la para lá, pois ele considerava um local tranquilo e agradável. Nada que já não soubesse. Fiquei emocionado com tal iniciativa.

Eu acreditava que seríamos, de fato, grandes amigos, já que ambos almejavam muitas coisas em comum como cursar Ciência da Computação, seguir carreira acadêmica, propor projetos de caráter social, visitar países de baixa renda e contribuir no ramo da tecnologia social.

Estava enganado. Em um dia aparentemente comum aconteceu algo que até hoje não compreendo, cheguei na biblioteca e o local especial estava vazio assim como minha alma era e se tornou novamente.

Até hoje não possuo notícias de Loke, na verdade nem sei como alguém com uma personalidade tão agradável e sólida, com uma mente cheia de sonhos e anseios pode desaparecer da vida de alguém.

Isso me afetou drasticamente.

Queria respostas. Utilizei das mais diversas táticas, ingressei nos mais variados cargos estudantis e projetos que davam acesso à dados dos estudantes e não encontrei nada que pudesse me dar pistas sobre seu paradeiro. Sua situação estava como “Aluno Desistente”.

Consegui alguns dados à respeito de sua localização e seu e-mail, mas ele sem dúvidas acharia estranho. O que ele pensaria

sobre um “amigo de estudos” que conseguiu dados confidenciais para encontra-lo? De fato, eu resolvi seguir minha vida adiante.

Voltei para o local especial após muito tempo (uns três semestres aproximadamente). Com o tempo Loke se tornou uma reminiscência, um traço de memória que lutou contra o corpo todo para manter vivo os sentimentos que despertava, mas ficou exausta e foi nocauteada, deixada no canto, como alguém que segura uma vasilha de alumínio com três moedas sentado na calçada balançando-a para chamar atenção, mas era ignorada.

Acredito que nosso corpo, quando submetido à situações que desordenam nossos pensamentos, clama por algo que traga a ordem de volta e eis que surge o desejo de superação que entra em um combate feroz com essas memórias, ambas buscando apoio. Se ganharmos, elas se tornam inofensivas, se perdermos, caímos na escuridão e buscamos culpados incessantemente.

A vida, os sentimentos, os companheiros.

Voltei a minha rotina de sempre. Confesso que foi difícil voltar a comer sozinho no restaurante universitário. Havia esquecido como era melancólico os meus almoços e jantares, ou ao menos não tinha essa visão antes do Loke, minha autodefesa nesses momentos era me perder nos pensamentos buscando um rumo qualquer e só me encontrava novamente quando finalizava a refeição. Até então, tive diversos colegas mas nenhum amigo.

Atualmente, sou docente universitário do ICT. Fiz meu mestrado e doutorado também na Unifesp, “cobra criada” como diria alguns. Talvez isso fosse consequência inconsciente para que essa reminiscência não se extinguisse, o ambiente sempre confortava minha alma.

Um docente solitário.

Mal conseguia conversar com os outros docentes. Em alguns momentos quando algum tentava puxar assunto para dissipar aquele silêncio melancólico, eu não dava muita atenção ou quando dava era apenas com respostas secas ou que demonstrassem desinteresse, como por exemplo, um “ah sim” ou “entendi”, o que foi se tornando um costume.

Não mudou muita coisa após o meu pós-doutorado, continuei lendo mangás assistindo animes e vendo séries. Nenhum dos projetos sociais que desejava desenvolver se concretizaram. Me aperfeiçoei em computação quântica e como sempre ia para apresentações científicas internacionais, ia à eventos das minhas obras favoritas.

Sempre recusei o fato de tentar ser outro, modificar minha personalidade para conviver em um mundo de mentiras.

Eu gostava daquele silêncio melancólico da sala.

Eu gostava do silêncio que havia nas minhas aulas.

Eu gostava do som do silêncio.

Mas diante de tudo isso posso replicar algo que sempre ouvia, “você nunca terá amigos se continuar assim”. Eu tive Loke.

## VAGALUMES

**Fernanda de Paula Nakata**

Quando as coisas em cálculo começaram a ficar complicadas eu me vi tentando desbravar uma floresta densa e escura, cortando os cipós das árvores com uma faquinha de cozinha e iluminando o chão com uma lanterna de chaveiro – os conhecimentos que eu havia trazido do ensino médio. E conforme o semestre passava e as aulas avançavam, com mais frequência eu voltava a esse lugar. Bastava fechar os olhos, entre uma dedução de equação ou outra. Era uma floresta úmida e de árvores retorcidas, cujos pássaros e o balançar dos galhos confundiam os raios de sol, formando sombras que dançavam pelo chão. Ali, de belo, eram apenas os vagalumes, que vez por outra passavam por mim, concentrados demais em seus voos para me dar atenção.

No final do segundo semestre eu já havia somado seis dependências. Razoava desistir da Unifesp. Estava cansado de ser lembrado a toda hora do quanto eu não sabia. Cansado de me perder pela floresta a cada vez que eu tentava estudar. A cada dia de viagem – tropeçando, dando voltas e me enganchando nos cipós – outros dois dias de matéria se acumulavam a minha frente, desdobrando-se como um labirinto.

No entanto certa tarde, sentado em uma mesa no canto mais afastado da biblioteca, de frente para a janela do estacionamento, enquanto vagava pela floresta de Cálculo, ouvi um barulho de árvores balançando. Curioso, segui o som até que encontrei um homem se contorcendo dentro de um emaranhado de cipós.

– Ajude-me! Eu prendi as minhas mãos – disse ele.

Felizmente eu já havia me prendido naquele tipo de emaranhado várias vezes – e sabia exatamente como desenroscar. Em um segundo o emancipei.

– Muito obrigado!

– De nada, mas... Com essa faca enorme na sua mão e com todas essas ferramentas que o senhor carrega na pochete, como pode se enroscar nesses cipós? – disse eu olhando o homem de cima a baixo.

Ele riu. Ele parecia ser um explorador. Parecia preparado para aquela floresta. Botas impermeáveis, binóculo no pescoço, uma corda na cintura e uma mochila estufada. Eu estava sinceramente surpreso por encontra-lo preso em uma armadilha tão simples como aqueles cipós.

– As vezes eu me confundo com uma ou outra coisa simples. Quem tem na ponta da língua, por exemplo, como calcular a soma de logaritmos? É bom encontrar com jovens exploradores como você, que acabaram de aprender como se desenrolar esses cipós. Ajuda-me a refrescar minha memória.

– Não sou um explorador. Sou só um perdido - retruquei.

– O explorador não sabe como é o caminho a sua frente. O perdido também não. A única diferença entre eles é que o explorador se diverte e tem fé de que há de encontrar algo interessante.

Pensei por uns segundos.

– Acho que sou um perdido. Só quero ir embora. Ando em círculos. Odeio esse lugar.

– Vez por outra o perdido se encanta pelo labirinto. Então ele passa a ser um explorador.

– Bem... Não acho que eu vá me encantar por esse lugar. Aqui tem cheiro de lodo. É escuro. Estou a horas caminhando sem enxergar um palmo a minha frente.

– Você está estudando integrais? – perguntou, espiando o livro aberto sobre a mesa. O homem havia trazido o seu caderno e se sentado à mesa de estudo junto comigo. Ele parecia interessado em me ajudar. Imaginei que fosse um veterano. Talvez um professor. De certo já havia tido dificuldades em cálculo e se solidarizou com as minhas lamentações.

– Sim. Estou tentando entender esse exemplo. O livro está mostrando como calcular a área desse gráfico. Eu entendi o que é a integral da área de um gráfico: é quando você divide a área em baixo do gráfico em vários retângulos pequenos e calcula a soma das áreas desses retângulos. Mas não estou entendendo como esse exemplo está calculando isso.

Ele se inclinou sobre o meu livro e adiantou algumas páginas, enquanto dizia:

– Calcular integrais pela sua definição é mesmo difícil. Acho que esse exemplo é só uma demonstração, o livro não espera que você o entenda por inteiro. Existe um jeito mais fácil de calcular integrais... Aqui. O Teorema Fundamental do Cálculo – percorreu a frase com o dedo, enquanto lia a frase em

voz alta – “O Teorema Fundamental do Cálculo dá uma relação inversa entre derivadas e integrais”. Basicamente o teorema diz que derivadas e integrais são processos inversos, e que para calcular uma integral, você só precisa calcular o inverso da derivada.

Ele esperava uma expressão extasiada, mas olhei-o apavorado. O fato é que derivadas haviam sido o assunto da última prova e eu male má havia decorado as fórmulas. Descobrir que precisaria delas para estudar integrais foi como descobrir que os mosquitos irritantes que a toda hora me picavam e os arbustos que arranhavam as minhas canelas não eram só típicos de uma estação: estariam lá o ano inteiro a partir de agora. Expliquei para ele a situação.

Ele refletiu por alguns segundos.

– Imagino que você tenha aprendido as técnicas de derivação.

Fiz que sim.

– Mas você viu as aplicações? Acho que o livro tem um capítulo só de aplicações práticas das derivadas. Você leu?

– Não li. O professor disse que não iriam cair aplicações práticas na prova. Achei mais importante fazer exercícios iguais aos que ele provavelmente cobraria.

– Então é isso – disse o homem, orgulhoso como um detetive – É por isso que você sequer simpatizou com o cálculo

de derivadas. Digo mais. Você se diz um perdido. Tenho certeza de que é por que você tem vagado pelo cálculo apenas fazendo exercícios teóricos, dos quais você não vê sentido. Quero que você esqueça o que está estudando. Quero que pegue lápis e papel, e uma borracha, com certeza uma borracha, volte até o capítulo das aplicações práticas de derivadas e o estude.

– Não dá. Se eu fizer isso, vou ficar atrasado em relação aos outros alunos. Essa é a minha segunda vez cursando cálculo. Eu desisti da matéria após ter zerado a primeira prova da primeira vez que fiz a matéria. Se eu não passar agora, os outros me deixarão para trás.

– Ficar para trás não significa que você falhou. E a educação não é um caminho reto. Olhe em volta. Não há trilhas por aqui. Os caminhos daqui são tão ramificados quanto os vasos capilares. A ementa de uma matéria te orienta o que você deve explorar. Mas isso parece não estar funcionando pra você. Então volte por onde você veio e observe tudo antes de seguir em frente. Preste atenção no formato das arvores até que elas sejam familiares para você. Encontre os padrões das folhas e veja como os insetos se comportam. Veja graça em aprender, e então tudo será melhor.

O homem que eu havia desenroscado dos cipós era, vejam só, um explorador apaixonado. Eu podia vê-lo, com sua mochila estufada e com sua cintura repleta de apetrechos de explorador, rodopiando e abrindo os braços pela floresta, enquanto tentava me convencer de que aquele lugar era magnífico.

Segui seu conselho. Voltei algumas páginas e revi derivadas. Depois revi limites. Aproveitei o resto daquela sexta feira e parte do final de semana para entender o porquê de cada coisa que eu havia apenas decorado para a prova. Nem sempre consegui as respostas, mas anotei todas as dúvidas no caderno e, na segunda feira seguinte, logo que entrei na biblioteca para estudar, comecei a gritar pelo explorador, procurando-o dentro da floresta. De certo modo ele era responsável pelas dúvidas que eu havia anotado. Ao vê-las no meu caderno, ele sorriu.

Durante algum tempo o homem me acompanhou, me ajudando a explorar o caminho. Dava-me dicas de como evitar cair nos buracos e até mesmo me deu de presente uma lanterna maior. Sempre que eu o via na biblioteca eu me sentava na mesma mesa de estudos. Ele era gentil e tratava com seriedade as minhas dúvidas, por mais bobas que fossem. Sempre me incentivava a explorar outras vertentes do cálculo :

– Isso tem uma aplicação na farmacologia. Você pode analisar quando tempo o remédio dura no seu organismo. Já essa integral pode ser usada na economia. Ela pode ajudar, por exemplo, a prever os valores da bolsa de valores...

Garantiu-me que me ajudar a estudar não era um incômodo. “Pelo contrário, ensinar é um prazer”.

E então, aos poucos, eu passei a me encantar pela floresta também.

As minhas suspeitas de que o homem fosse, ao invés de um veterano, um professor, aumentavam a cada dia. Pelo

modo como ele ensinava – paciente e didático – pelo prazer que ele demonstrava quando conseguia sanar uma dúvida e também, sobretudo, por que ele me incentivava a explorar novos caminhos, trazer novas dúvidas. No entanto eu nunca havia encontrado um professor pela floresta. Vez por outra encontrava outro aluno – mas nunca um professor. Um episódio em especial me fez duvidar de minhas suspeitas:

Enquanto caminhávamos um vagalume passou por mim. Seguido de outro. E mais outro. Persegui o quarto com os olhos até que ele voou por cima de um arbusto. Caminhei até lá e vi um enxame dançando entre os troncos das árvores, com suas luzes amarelo esverdeadas que deixavam rastros pelo ar tais quais a de um avião a jato.

– Veja quantos vagalumes! – exclamei. Ele demonstrou pouco entusiasmo. Insisti - Não gosta deles? Veja como são bonitos – disse, afastando o arbusto a nossa frente e revelando uma clareira repleta de vagalumes.

Ele deu as costas e continuou a caminhar. Eu o segui.

– O que houve? Já me mostrou tantas coisas bonitas as quais sozinho eu nunca veria graça, como pode não gostar dos vagalumes?

– Não percebeu quem são os vagalumes?

Fiz que não.

– Pense bem. Eles só iluminam a si próprios. Passam por nós, desfilando seus bumbuns luminosos e logo somem, sem

prestar atenção em mais nada além do próprio caminho.

Fiz que não entendi.

– São os professores.

Naquele semestre eu, de fato, reprovei em cálculo. Mas não fiquei triste. Na verdade, estava ansioso para que as férias começassem e eu pudesse recomeçar a estudar, lendo o livro do início, apreciando cada fórmula. Eu estava ansioso para refazer cada matéria a qual eu havia reprovado. Percebi que a ciência e a tecnologia eram maravilhosas. As vezes eu me pegava imaginando quanta matemática e quanta química haviam por trás de um notebook. Perguntava-me como impulsos elétricos de repente se transformavam em pixels – e ficava ansioso para descobrir o que exatamente fazia um material ser aceito ou rejeitado pelo organismo. O explorador havia me mostrado que eu gostava de estudar – e embora a floresta ainda fosse densa e difícil de ser desbravada, eu me sentia instigado a descobri-la.

Devo dizer que após as férias, no semestre seguinte, descobri que o professor da turma de reoferecimento de cálculo era o explorador. Eu bem desconfiava. Mas fiquei curioso por causa dos vagalumes – o desdém com o qual ele falou sobre os vagalumes me fez pensar que ele odiasse os professores.

Ele explicou:

– Junto com o meu diploma eu ganhei uma lanterna maior, que me permite iluminar parte do caminho de um aluno. Sou professor, mas essencialmente sou um explorador. Eu não poderia enumerar as coisas que eu não sei. E eu me sinto

feliz por não saber, por que sei que sempre haverá algo de interessante a ser descoberto. Quem está satisfeito com o que sabe, acomodado na sua própria área, quem não vê graça, não vê amor em mostrar o quão magnífico é o caminho pelo qual já passou, é um inseto. Uma luz fraca voando dentro da escuridão. Nem todos os professores são como vagalume é claro. Existem professores magníficos. Imagino que os bons professores sejam eternos exploradores.

## QUANDO ACABAR, O MALUCO SOU EU...

Fernando de Jesus Guilger

Era pra ser apenas mais um dia como outro qualquer. Aula de laboratório no período noturno. Ao contrário das outras aulas, esta ocorria em uma unidade afastada do *campus*. Eu até preferia assim. O trajeto era mais curto e exigia pouca baldeação. Além disso, perpassava por áreas mais isoladas, comumente ocupadas por chácaras entrecortadas por vegetação. Sempre dava um ar contemplativo à viagem.

Chegando próximo ao ponto, desliguei o celular. Não era novidade para ninguém a completa falta de cobertura de sinal. Embora fosse um típico subúrbio, era um bairro com ares de abandono. Impressão esta que era reforçada por alguns pacatos ranchos e a falta de movimentação automobilística. Enfim, segui caminho até a faculdade. Fazia frio, e por conta da represa, uma pálida névoa cobria a vista. Aquele vapor adquiria um tom alaranjado, devido à iluminação incandescente. Um princípio de garoa pairava no ar, e por isto, pus as mãos nos bolsos e acelerei o passo. Justamente pela falta de movimentação e a condição distal, a região tinha fama de perigosa. Não que eu houvesse alguma vez sido abordado. As únicas tentativas de assalto que sofri foram no centro. Mas sempre existe aquela aura cultivada pelos relatos alheios e o senso comum, e você prefere não arriscar.

Sem muito esforço, cheguei ao prédio. Sempre imaginei que os seguranças ficassem na torcida pela aparição de alguém, como forma de combate ao tédio que deveria ser olhar para o mais absoluto nada. Checagem padrão de identidade; atravessei a calçada de paralelepípedos e entrei no complexo. Subi as

escadas até desembocar em um estreito corredor, repleto de armários e um cheiro forte de formol. Fiz tudo com relativa pressa, estava um pouco atrasado. Deixei meus pertences no mochileiro, após vestir o item obrigatório de todo laboratório. Como sempre, a atividade consistia em observar e categorizar as partes das plantas estudadas. Eu gostava de caprichar nos desenhos, enquanto havia quem preferisse simples esquematizações. Como desejava me empenhar na ilustração, não fiz questão de pegar o ônibus das vinte e uma horas. Portanto, neste horário, a sala já estava praticamente vazia. Havia um ou outro aluno que dirigia, bem como este ou aquele que morava no bairro. Sou levado à crença de que naquela hora, era o único que morava em outra cidade e não tinha carro.

Terminado meu trabalho, entreguei ao professor e segui ao mochileiro. Algumas lâmpadas começaram a piscar. Supus que a chuva estivesse ocasionando uma pane elétrica. Subi mais um lance de escadas, objetivando o refeitório, que dava acesso ao estacionamento. Foi neste momento que ouvi um som impertinente. Era como se alguma coisa fosse conduzida por rodas. Vinha da rampa de acesso. Logo imaginei que fosse algum funcionário carregando armários, ou mesmo algum estoque de vidrarias com algum animal morto boiando naquele líquido de cheiro insuportável. Decidi que não valia a pena me preocupar e voltei a andar. As luzes piscaram outra vez, agora de forma mais persistente. Houve então um apagão. Nem mesmo as lâmpadas de emergência se acenderam. Eu estava sozinho e o coração acelerava. Escutei um som agudo, que parecia um lamento. Senti o corpo arrepiar. Foi quando a energia voltou. Olhei para trás, receoso do quem iria encontrar...

Para meu total alívio, era apenas um gato molhado. Devia ter se assustado com alguma coisa e entrado para fugir da chuva. Afaguei-o e continuei até o exterior do prédio. Peguei o ônibus até o centro da cidade. Desci no ponto do Terminal, e de lá peguei um trólebus rumo minha casa. Eu podia ter pegado um ônibus diretamente naquela unidade, mas me dava calafrios. O ponto estaria mais escuro, desocupado, sem contar o maior intervalo. Enfim, retornei para o lar, e me joguei em grossas camadas de cobertor quente.

...

Passado algumas semanas, outra aula no laboratório. Desta vez, experimentos para estudo de eletromagnetismo. Gráficos, equações e discussões teóricas. Acertei com meu grupo a parte do relatório que me cabia, e fui aguardar o micro-ônibus. Ainda faltavam uns quinze minutos para sua chegada. Como desta vez o tempo estava favorável, caminhei pelo refeitório até a bela área verde. Sempre gostei desse pedaço do *campus*. Tal como a imensa área arbórea que existe no recém-construído espaço de aulas. O clima perfeitamente bucólico sempre sintonizou muito bem com a minha alma. Acarretando tranquilidade, gosto pela vida. Uma verdadeira recarga de boas vibrações. Ali, definitivamente não era diferente. Não era raro que eu desejasse dedicar um dia apenas para a contemplação neste local. Sem aulas, experimentos ou obrigações. Era como se algo me atraísse. Devo ter cedido a este impulso umas duas ou três vezes no passado. Com o andamento do curso, fui perdendo esta conexão. Mas, podia me reservar alguns minutos. Pelos velhos tempos. Sentei-me na grama, erguen-

do a cabeça para o límpido céu azul. Poucas nuvens no céu. Os dez minutos viraram horas. Fiquei simplesmente deitado na grama, divagando com a mesma solidez das nuvens em preservar seus formatos. Devo ter ficado assim até adormecer...

Despertei de súbito, com o roçar de algo em meu braço. Quando vi, era novamente aquele gato rajado, com seus profundos olhos caramelo. Todo faceiro, desejoso de carinho. Agarrei-o de bom grado. Sempre me maravilhei com a amizade pura dos animais. Não era necessário mediar vontades ocultas, erros de interpretação ou antigos rancores. Era sempre uma relação baseada exclusivamente em carinho. Eu fazia cafunés e ganhava o doce som de seu ronronar.

No fim das contas, saí mais tarde do que o previsto. À espera do transporte, um mínguo grupo de estudantes que eu nunca vira na vida. Não sei se eram calouros do meu curso ou até mesmo veteranos de outros. A verdade é que fui me tornando introspectivo, antissocial. Restavam-me tão somente as amizades acumuladas nos termos anteriores. O que equivale dizer que eu mantinha relação com meia dúzia de gatos pingados. A maioria dos meus contatos se formara ou desistira do curso. E os poucos restantes tinham no máximo duas aulas comigo por semana. Eu me sentia novamente um calouro, invisível entre os demais. Só que desta vez, não dispunha da mesma energia para me expor em busca de novos amigos e vivências. Como dizia, sempre admirei a franqueza dos animais... O problema é que eu não era um gato.

Era apenas um estudante tentando me formar. Com a cabeça cheia de provas, trabalhos valendo nota, congressos e horas complementares. Correndo entre aula e outra para o bande-

jão, esperando que fosse servido o frango assado delicioso que me fazia molhar o beijo apenas ao imaginá-lo. Passei o curto itinerário com a cabeça recostada na janela, embaçando-a com meus suspiros, enquanto pensava na enorme multa acumulada na biblioteca, e como faria para obter o livro que necessitava para a prova de segunda-feira. Internamente, desejava que algum daqueles desconhecidos sentasse do meu lado, e puxasse assunto, perguntando sobre o livro que eu trazia semiaberto em meu colo. Nada disso aconteceu, claro, e fiquei mergulhado na doce melancolia proporcionada pelo ambiente e a música lenta que havia selecionado na *playlist*.

Apesar de tudo, fui dormir satisfeito naquela noite. Mesmo com todas minhas dificuldades de organização e foco, minhas obrigações acadêmicas estavam transcorrendo bem. Durante aquela semana, conseguira terminar o trabalho no prazo, estudar para uma a prova que fiz dois dias antes e até mesmo editar meu TCC. Agora era só usufruir de um bom repouso, sem nenhuma crise de ansiedade ou atividade atrasada que exigisse ficar acordado até tarde.

...

Sexta-feira à noite. De todos os dias da semana, este era o mais desestimulante para se frequentar um laboratório (só perdia para o sábado). O cansaço acumulado de todos os dias anteriores, a expectativa de descanso e diversão do fim de semana... Sexta deveria ser um dia proibido para qualquer ação que não envolvesse uma boa lata de cerveja com petiscos. Uma pena que não desse parar usar os vinte e cinco por cento de faltas ao qual

tinha direito. Ao menos, poderia rever o bichano. Eu certamente o teria adotado, não fosse meu cachorro e o fato de não ter como levá-lo até minha casa.

Não era meramente uma noite de sexta. Era uma noite de sexta chuvosa. Tal qual o dia que conheci o Horácio. Sim, eu o batizei de Horácio. Julguei importante nomeá-lo. Sem um nome ele era apenas um felino. Um gato de rua qualquer, como todos os outros em circunstância semelhante. Aquele ditado, sabe? *Todos os gatos são pardos*. Horácio, pelo contrário era o Gato. Com gê maiúsculo, entende? E como das outras vezes, eu esperei por ele. Só que Horácio não veio. Não havia qualquer sinal. Nem dele, nem dos cães que sempre patrulhavam na frente do *campus*, próximo à guarita dos guardas. Estranho. Muito estranho. Talvez houvessem se abrigado da chuva em alguma área seca e quentinha. Tentei descobrir qual seria esse local hipotético.

Imaginei que ele evitaria as escadas, então utilizei as largas rampas de acesso. Exceto por uma caixa aqui e ali, não passavam de espaçosos corredores com corrimões. O local mais aconchegante que consegui conceber ficava no último andar. Subi com certa pressa, então precisei parar para recuperar meu fôlego. Foi nessa hora que escutei o fatídico som de rodinhas, vindo do andar anterior. Estariam movendo vidrarias outra vez? Se bem que eu não posso afirmar que o estavam fazendo da primeira oportunidade. Afinal, não havia me certificado naquela ocasião, distraído pelo Horácio. O som foi se intensificando, e logo deduzi que não tardaria para virar na curva e passar por mim.

Então... O som parou. Será que o funcionário se cansou e resolvera recobrar o ânimo? A roda poderia ter emperrado. Ou a pessoa poderia ter esquecido algum objeto na sala anterior. A

curiosidade começou a me corroer, e como pretendia chegar ao térreo de toda forma, retrocedi. Contornei repleto de expectativa, mas tudo o que vi foi um corredor vazio. A única explicação possível é que eu fora enganado pela acústica do lugar. Certamente alguma ação no andar mais abaixo ecoara pelo prédio inteiro. Não importava. Apenas queria rever Horácio. Vasculhei andar por andar, até chegar ao térreo. Ali, a rampa de acesso terminava em um portão trancado com grossas correntes de ferro. Suas chapas de aço estavam com a tinta descamando, alguns pontos corroidos por ferrugem. Teias de aranha se acumulavam no teto... Pensando bem, ninguém se abrigaria ali. Imagino que o pessoal da limpeza detestasse aquela área, sempre postergando o máximo possível a sua manutenção. As luzes piscaram, provavelmente pelo escasso gás no interior da luminária fluorescente. Por uma provável pareidolia provocada pelo espaço apertado e com ar de abandono, senti-me observar. Fosse mais crédulo, e poderia afirmar ter visto um vulto. Mas era só a minha sombra e meu inconsciente. Voltei para casa. Estava menos feliz, por ter ido a “cidade dourada” e não ter visto meu gatinho. Pois é, já o considerava meu. Parando para pensar, não sei se Horácio foi uma boa escolha. Seu pelo laranja tornava Garfield um nome muito mais apropriado, embora nada original. Desta vez, não quis esperar o micro-ônibus, e peguei um transporte convencional. Ao sair do bairro, consegui sintonizar em uma rádio de MPB. Minha noite foi embalada com *sou feito da terra, do fogo, da água e do ar*. Exceto pela infância, fase em que somos muito propensos a toda sorte de superstição, eu nunca fui muito esotérico. Ironicamente, sempre fui fascinado por coisas como horóscopo, tarô, transmutação e afins. Mas nada que fosse uma crença, sabe? Sempre foi um

interesse intelectual, um fascínio pela poderosa capacidade humana de criação. Histórias de magia, honra e mistério, povoavam minha mente nos mais belos devaneios. Principalmente quando estava abarrotado de estresse. Então, fiquei intrigado e satisfeito com esse clássico do rock nacional. Lembro quando passava o dia inteiro ouvindo os velhos discos da minha vó. Hoje é *cult* ouvir música em toca-discos, vitrolas modernizadas e até mesmo fitas cassete, mas era a coisa mais corriqueira no fim do milênio.

...

O semestre avançou, e finalmente eu pude voltar para mais uma aula prática. Estava ansioso para rever o Horácio, então fiz questão de chegar mais cedo. Até questionei os vigilantes sobre meu querido gatinho, mas sem sucesso. Um deles até me disse que nunca havia visto gato algum ali, e o outro, insensível, fez um gracejo dizendo que ele provavelmente fora comido pelos cães. Ignorei-os e continuei a busca. Rondei o complexo de casas de madeira, chequei o estacionamento... Fui até o anfiteatro, que estava aberto para limpeza. Olhei em tudo, até mesmo na sala dos professores e secretaria. Só não entrei no banheiro feminino, pois era arriscado demais. Acabei me atrasando pra atividade, mas consegui repor o tempo perdido. Acabei me convencendo de que nunca mais o veria. O tempo passava, e como previ que não terminaria o trabalho cedo, resolvi ir ao toalete. Na volta, parei para beber água.

Foi neste momento que eu revi o Horácio. Ansiei por esse momento, supondo que seria agraciado com toda sua ternura benfazeja. Mas o que vi causou-me horror. Meu coração pulsa-

va acelerado, dominado por um misto de náusea e preocupação. Ele não estava nada bem. O corpo estava ensanguentado, com feridas cheias de pus e sujeira. Uma de suas órbitas oculares estava vazia, e havia um terrível inchaço na bochecha esquerda. Imaginei que houvesse sido atropelado, ou até mesmo... *atacado pelos cães*. Esta simples perspectiva deixou-me furioso. Eu não tinha como saber exatamente o que havia acontecido, mas quem tivesse feito àquela barbárie... Iria pagar. Tentei me aproximar do gatinho, para conferir melhor o seu estado. Ele se afastou de mim, talvez com medo de que eu tocasse sua ferida. Fui chegando com mais calma, movimentos lentos. Nada. Fugiu desesperado, como se o perseguisse. Fiquei arrasado.

Ainda assim, precisava encontrar um modo de ajudá-lo. Talvez pudesse convencer algum funcionário a socorrê-lo. Ligaríamos para o veterinário e tudo ficaria bem. Sempre o encontrava perto do refeitório, então fui até lá. Imagino que se escondesse perto da cozinha, atraído pelo cheiro dos restos de comida que eram jogados durante o almoço. Eu então entrei na área que eram recolhidas as bandejas, pratos e talheres, assoviando e falando mansamente. Um som agudo, como choro, irrompeu no ar. Vinha do estacionamento. Fui verificar. Estava meio abafado, como se fosse oriundo de um local fechado. Adivinhei que estivesse vindo de um buraco na parede, tapado com tábuas. Eu já havia visto este rombo antes de ser selado... Era cheio de entulho e ferragem, com alguns fios desencapados. Não me admirava que estivesse cerrado. Contudo, eu não podia permitir que Horácio morresse ali dentro, sem cuidados médicos. Gatos tinham esse péssimo costume de se isolar quando feridos ou doentes, aguardando a morte. Apalpei as tábuas, a procura de uma brecha. Encontrei uma

com pregos frouxos. Bastaria forçar um pouco e ela cederia. Foi o que fiz. Com algum esforço, consegui me esgueirar até o vão. Eu retiraria Horácio dali, pousando-o suavemente na grama, e então sairia dali para resgatá-lo. Quando finalmente entrei, machuquei-me em um pedaço de viga de ferro enferrujada. Tropecei e me estabaquei no chão. Todo ralado, tentei me erguer, enquanto procurava por Horácio. Vi um par de olhos faiscando na escuridão. Eram cintilantes e penetrantes, e me olhavam com atenção. Seu brilho era esverdeado. Não era Horácio. Sequer podia afirmar que era mesmo um gato. Tudo escureceu...

...

O som incômodo de rodas trabalhando, em protesto a sua carga. Os corredores fazendo um longo eco, enquanto passos e aros de ferro os atravessam. Pessoas de jaleco, de lá para cá. Nenhum sinal de celular. Nenhuma comunicação com o mundo exterior. Os portões de ferro rangem com amargura. Não sei que dia é hoje. Só posso deduzir as horas pela luz do Sol. Ouço gritos constantes. Lágrimas, grunhidos e frases sem qualquer sentido. Quando perguntei da minha família, disseram que não existia ninguém com os nomes que eu falei. Além disso, meus documentos ficaram na mochila, não sou capaz de provar minha idade e nome. Os médicos me dão sedativo, e são raros os dias que recupero minha lucidez. Dizem que eu sou louco por “pensar assim”.

Acredito que de alguma forma, viajei até o passado. Talvez tenha atravessado algum portal, o que é certamente curioso. O lugar não condiz em nada com o sanatório que li descrito ou mesmo com os documentários que assisti. Há uma aula bem escura, no subsolo, repleta de velas, crucifixos e imagens de santos que

adquirem uma expressão tenebrosa com o parco lume que os banha. Para lá são mandados os “pacientes” mais problemáticos. É dito que eles são morada de demônios, e por isto passam o dia constantemente recebendo orações, benção e cânticos cantados em latim. Mesmo de longe posso ouvir o *crux fidelis* sendo entoado. O padre que administra esta sessão é um senhor severo, com tez calva e enrugada, marcada por linhas de expressão. Quando raramente há visitas, ele se mascara com um semblante pio e caridoso. Apesar disso, o vi esses dias exortando uma enfermeira a não correr pelos corredores. Lembro bem da cena.

Ela abriu as pesadas portas com esforço, e veloz como uma seta, adentrou uma pequena sala. Lá, abriu os armários, bagunçando caixas e prateleiras, em busca de um frasco pequeno. Encheu a ampola com os dedos trêmulos, e saiu em disparada. Suas passadas ressoavam por todo o corredor, que parece muito maior do que eu me lembrava.

Já ouvi dizer que no andar superior ocorrem experimentos com máquinas elétricas. Não sei ao certo. Tudo aqui é nebuloso ou duvidoso. E aqui, sou apenas mais um dos doentes, que fala de computadores, telefones sem fio ou internet. Para ser honesto, começo a duvidar de que tudo que vivi até aqui tenha realmente acontecido. O mais provável é que eu tenha inventado toda essa outra vida na “UNIFESP”. Acho que sempre estive vivendo em delírio, e só agora acordei da minha loucura, graças aos esforços do médico e do padre. Seja como for, achei importante, por via das dúvidas, registrar este curioso ocorrido.

Se você estiver lendo este diário, eu provavelmente estou morto. Espero que todas as situações que narrei lhe sejam familiares, e comprovem a veracidade do que acredito ter vivido.

É provável que você encontre isto jogado no lixo, ou no meio de velharias. Se este relato sobreviver a tanto, saiba que fui aluno do Curso de Ciências – Licenciatura, na Universidade Federal de São Paulo, *campus* Diadema. Fui apenas mais um estudante cheio de sonhos, que pensava em me formar. Se puder, nunca entre no buraco da parede no estacionamento. Convença alguém a selá-lo com tijolos e cimento. Talvez, você encontre meu nome na lista de desaparecidos... Talvez, eu tenha sido mencionado em algum noticiário. Eu me chamo... Como era mesmo? Estranho, não consigo mais lembrar. O Dr. Pacheco insistiu tanto que eu havia inventado toda essa mentira... Talvez seja a hipnose surtindo efeito. Não sei mais discernir o sonho do real. Falando nisso, estão abrindo a porta. Deve ser hora da minha sessão.

**Gabriela Paes**

Hoje é meu aniversário. Olho para o céu azul e é como se não eu não conseguisse sentir nada. Vinte anos pode ser muito tempo, ou talvez nem tanto. Mesmo com o Sol o vento é gelado, meu cabelo bagunçado voa, e meus olhos ardem com a luz clara e forte da tarde. As pessoas passam, dispersas, em sua maioria fumando, o que me faz perguntar se eu também não preciso de um cigarro agora. Encaro freneticamente a parede grafitada a minha frente, para tentar afastar todos os pensamentos aleatórios e indesejados que insistem em me perturbar. Talvez a culpa seja minha. O desenho mostra duas barcas, as pessoas estão divididas entre as que são salvas e as que são condenadas, e me pergunto em qual delas eu estaria. Acredito que nenhum anjo me aceitaria, afinal, as vezes é como se já estivesse de mãos dadas com algum demônio, ouvindo-o rir enquanto me perco não sabendo o que fazer, e continuo caminhando a destinos incertos ao mesmo tempo em que já sei qual será o fim. Nas mesas ao lado do aquário mais pessoas fumam, parecem felizes, ao menos estão rindo. O elevador está vazio, e por medo, subo as escadas. As paredes são tão brancas, me perco olhando o pôr do sol pelas janelas de vidro, as nuvens estão sumindo, mas ainda parecem bolas de algodão. O céu vai estar cinza em pouco tempo, e eu gostaria de poder mergulhar dentro dele. Às vezes sinto que dormi demais, talvez... É como se a vida passasse como um filme que eu não consigo acompanhar. Sou espectadora da minha própria história. O segundo andar tem bexigas penduradas em algumas portas, já quase murchas, parecem que ganham mais cor quando em

contraste com o pálido do corredor, vazio. O mês amarelo está acabando, e sinto como se devesse acabar junto dele.

## Cicatrizou azul

Júlio Cesar Monteiro Junior

Chegando ao ponto onde marcara a carona, sua mãe retornou sua chamada a cobrar. Mochila pendida num ombro, uma mão segurava o celular enquanto a outra agarrava o casaco. Sempre fazia frio, depois à noite, sempre fazia. Laura aprendeu isso, nem foi das piores maneiras, bom que aprendeu. “Liguei para te pedir dinheiro, mãe”. Bem verdade que antes só se falavam por isso. Contudo daquele começo de ano até então, sua mãe religiosamente ligava nos finais de semana. Eram todos. Se faltava, o começo da semana era para isso. E as conversas estavam mais melancólicas que o de costume. Já fazia tempo que Laura saíra do seio familiar. Do pai não se falava; mas da mãe se esperava um pouco mais de resignação. Não se habituou à falta da filha, ainda piorou.

Sentada em meio a dois homens ou grandes demais ou num carro muito pequeno. Apertada. Procurando o mínimo conforto, sem sucesso. Sua mãe ainda falava. Empurrou o menino da esquerda em cuja cara nem sequer de soslaio olhou. Era tanta coisa com que se preocupar. Falava e alto, a conversa já era pública. Satisfação no caminho, nem meia. Laura jamais iria abruptamente dar fim à conversa, escutava sua mãe a lhe fazer as repetidas advertências. “Cuidado com as suas companhias. E as drogas, filha, pelo amor de Deus, não vai para esse caminho. A filha da minha colega, eu te falei? Namorava homem, tudo normal, mas do nada chegou nela e disse que era sapatão. Ai que desgosto”.

Antes dessas tarouquices todas, sua confusa mãe narrava acerca de uma palestra sobre setembro amarelo que aconteceu

em sua cidade pequena, em época de eleição, uma visibilidade desajeitada como cenário para campanha política. Mãe e filha se desencontraram, como de costume, nas poucas conexões entre os temas. Pelo espelho retrovisor podia ver os olhos de reprovação daqueles passageiros que mais a apertavam. Como todos esperavam - lembre-se que a inépcia se tornara pública -, por fim, com doçura e benevolência, despediu-se de sua mãe.

Tinha se mantido calma até a chegada ao ICT, campus da UNIFESP de São José dos Campos, como sua primeira aula da tarde prometia chamada oral, às pressas tomou o elevador, no entanto, sua mãe ainda falava. A mente a importunava. Chegou a balbuciar sozinha pelos corredores da faculdade, tão brancos que tinha algo de formal neles, exceto perto da biblioteca onde eram vívidos em cores de murais suntuosos. (Eram para os calouros os fazerem com mãos roxas, verdes, vermelhas, amarelas... e não houve veterano que resistisse).

Laura agora com respirações mais vigorosas e reiteradas, passos afobados e pensamentos truncados deambulava que enquanto os filhos sofrem com a separação, com a mudança de cidade, com o estudar fora; os pais por sua vez sentem a tal síndrome do ninho vazio. Procuraria o Núcleo de Apoio aos Estudante de seu campus, sem dúvidas o melhor a se fazer, falar sobre isso é bom, com um profissional então, há de aliviar a angústia. Não é só o que dizem, com êxito as duas já tinham procurado ajuda especializada em oportunidades anteriores de problemas anteriores. Quanto a essa mudança repentinamente saudosista de sua mãe, parecia que não era para tal, levava bem a mudança. Agora isso.

Em sala, poucas cabeças avoadas, cada qual com sua fei-

ção, cada feição, seu ângulo de inclinação para o quadro. Nenhuma olhava diretamente para o professor centralizado que murmurava o que Laura sequer ouvia naquele momento de vertigem. Olhava através da janela lateral e cinzenta do canto inerte da sala onde três carteiras desordenadas foram esquecidas, o horizonte que a invadira não era o daquela, era de outra janela, outra bem distante, parca, quase que paralisada. Via o campo de sua família. Não acontecia muito. Viu sua mãe, os cabelos loiros, tamanho médio, sempre acompanhavam um sorriso. Nada era nítido do que se via, aquele perfil, porém, era conhecido. Outrora lhe tocara diariamente aquelas mãos femininas, calejadas era bem verdade, mas de sua mãe.

A saudade inundou o peito de Laurinha. Sim, Laura agora não poderia recusar o carinho maternal, o *-inha*. O final de seu nome a mudara de forma que sua mãe agora se materializava em Laurinha. Estava inebriada por amor, afogava-se em arrependimentos, não tinha falado um tiquinho mais que fosse com sua mãe ao celular. Pesares saíam úmidos por suas narinas. Não podia recorrer ao seco. Ela eram lamentações.

Tomou sua carteira. Não se sentou. Deixou cair-lhe o corpo, com tal retomou-se do relapso. A paisagem frugal e o perfil materno lhe fugiram. Era só a sala. Nela comumente um dia como todos aqueles que a esmoreciam sem sua mãe. Laura percebeu, pois, que a falta que sentia era maior que a representada pelas falas dispersas de sua mãe. Sentiu remorso, queria ligar-lhe.

Sua mãe não ligou por três idas ao psicólogo. Três que vingaram.

Uma voz lhe sorriu azul sublime. Laura aquentou. Gotículas de aquilo que antes a tinham afogado tomaram o entorno,

pintaram-no. Era tudo azul, todo, completou-a azul. Como num rompante em que se pega a chave que se tinha esquecido para abrir a porta e então, aberta, a ultrapassa e acabou, Laura, que dedilhava sobre o corte, remendou daí. Costurou liso-áspero-liso e continuou. Azul.

## O domo de vidro que quando vejo penso em um planetário

**Maria Luis de Mello**

Às vezes olho para aquele grande domo de vidro no terceiro andar do prédio da Unifesp e fico pensando em um planetário. Não sei exatamente o porquê, já que a estrutura não é necessariamente como um planetário. Apenas se a sua imaginação quiser, como a minha faz quase todos os dias. Na verdade, eu nunca fui num planetário.

Quando todos os dias eu subo aquelas escadas (para chegar à minha sala de aula) que irradiam para o domo, me sinto como uma astronauta prestes a ser lançada ao espaço. E, enquanto vou me afastando do meu lugar no cotidiano, posso ver a Unifesp, a minha casa, a minha cidade, o meu Estado, o meu país, o meu mundo. Ou melhor, nosso, da humanidade. Ou melhor, nosso, dos seres terrestres. Ou melhor, nosso, de todos que fazem parte do universo. Ou melhor, nosso, dos produtos de um ser ou uma entidade mística que seja o fundador de tudo isso. Ou melhor, nosso, dos que fazem parte de um mundo muito maior que esse e habitamos numa partícula de poeira ou qualquer outra categoria que desconhecemos nesse mundo muito maior que o nosso. Engraçado pensar que atribuímos um contrato de posse com tudo o que bem entendermos ser nosso. Ou melhor, meu.

E fico pensando que somos parte de algo absurdamente maior enquanto estou estacionada em meio àquela infinitude de astros e estrelas. Qual é o limite para esses estranhos pensamentos? Se é que existe um limite. Existe? Não, não, não. Sim, sim, sim. Não sei? Não sei. Só sei que vou continuar até onde eu

posso. E não se preocupe, quando eu me cansar eu volto na hora (o que não demora muito tempo, já que não consigo respirar no espaço).

“Você é uma louca!”, podem me dizer, mas o que há de errado nisso? Afinal, sou apenas um ser humano pensando quase que filosoficamente quando imagino que estou no espaço, pois sou uma astronauta que acabara de ser lançada, pois estava subindo aquelas escadas da Unifesp que irradiam no domo de vidro no terceiro andar, pois quando eu o vejo penso em um planetário.

## Tijolo com tijolo

**Mayara Martins**

Se eu fechar meus olhos agora, consigo imaginar José. José tinha o cabelo bem escuro e curto, olhos pretos e profundos que brilhavam quando ele sorria. A vitória do seu time do coração em um jogo de domingo o fazia sorrir. As crianças correndo pelo quintal e tomando banho de mangueira também.

José veio de uma cidadezinha do interior da Bahia junto com seus pais e irmãos. Antes de chegar aqui já havia trabalhado muito na roça e também como ajudante de obras e diziam que São Paulo era o lugar das oportunidades, o lugar em que havia emprego, o lugar em que se é possível prosperar.

No começo foi difícil e muitas vezes a família de José tinha que escolher entre o almoço ou o jantar, caso contrário, não havia comida para todos. José era muito independente e antes de trabalhar na empreiteira fez alguns bicos como engraxate, servente, atendente e entregador. A empreiteira foi seu último trabalho. E sempre tinha bastante serviço. As coisas melhoraram para José, então.

No ano de 2013 um grande prédio começou a ser construído no topo de uma ladeira no Bairro dos Pimentas. Era a EFLCH da UNIFESP Campus Guarulhos. O tão esperado prédio, motivo de tantas mobilizações e histórias. A jornada de trabalho era intensa e a construção demorou três anos para ficar pronta e ainda há espaços por terminar. Dizem que quando o arco ficar pronto, tudo vai melhorar porque teremos mais espaço.

A região do entorno do campus mudou muito nos últimos anos, a área verde em volta da avenida foi transformada em um

terminal de ônibus e os galpões com jacas e melancias até o teto deram espaço a pequenos comércios e aos bares frequentados pelos estudantes.

A primeira impressão que muitas pessoas tiveram ao conhecer a parte nova do campus foi a de estar dentro da maquete que outrora ficava em frente à diretoria acadêmica. A segunda impressão é de que o cenário ficou um pouco mais cinza e menos verde, visto que até então, os gramados do campus estão interditados. Agora a Universidade possui elevadores e foram distribuídos pelo campus quadros de um morador de Guarulhos e obras de grafite que tornam o espaço mais acolhedor e colorido.

José nunca andou de elevador, mas foi um dos tantos trabalhadores da construção do novo prédio da EFLCH.

Se eu fechar meus olhos agora, ainda consigo imaginar José. José acordando às quatro e meia da manhã para pegar quatro conduções, segurando na barra superior do ônibus para estar pronto para o trabalho às sete horas.

José tomando um café forte de alguma garrafa térmica em uma copa improvisada para os trabalhadores da construção. José carregando um saco pesado de cimento nas costas. José usando um dos últimos banheiros do prédio arco. José comendo sua marmitta com arroz e feijão um pouco frios em sua uma hora de almoço e descansando nos quinze minutos finais deitado na grama junto com os outros trabalhadores. José refletindo sobre o motorista que morreu ao ser atingido por 400 kg de cimento, ali mesmo no canteiro de obras em uma área que não estava isolada. José imaginando se seus filhos, um dia poderiam estudar em algum lugar como aquele que estava sendo construído naquele momento.

Imagino José cansado depois de muitas horas de trabalho.

José tomando banho em uma bica improvisada atrás da construção e descendo a ladeira de volta para casa com uma mochila empoeirada, passando pelas crianças que empinam pipa durante o pôr-do-sol que mescla azul escuro com rosa e laranja.

Seus fins de semana passam rápidos e há esperanças de comprar no fim do mês um celular que tira fotos. Será possível registrar os aniversários das crianças da família, todas elas atrás da mesa do bolo.

Quando atravessei pela primeira vez o portão do número 333 da Estrada do Caminho Velho, tudo parecia muito grande, tentei reconhecer os espaços e ao olhar para cima tentando enxergar o topo do prédio, eu imaginava o José.

Só é possível imaginar, porque não o conheci. Ainda assim, eu queria falar sobre ele. Na verdade nem sei se José se chama José. Nós não sabemos muita coisa sobre eles. Só sabemos que foram necessários muitos homens como José para levantar aqueles três andares que hoje subimos e descemos de elevador.

## “A MORTE E A PROFESSORA”

Nathalia Santos

Noite chuvosa. Mesa tomada por livros, papéis, um relógio cinza que marcava a hora: uma e meia da manhã. Os óculos eram girados intermitentemente entre os dedos enquanto os pés tocavam o chão balançando a grande cadeira preta que não era tão confortável como prometia o anúncio da tevê. A professora, uma jovem de quarenta e tantos anos, agora vivia em seu apartamento, sozinha, depois de descasar-se e decidir conhecer o mundo. E conheceu. Havia nas paredes diversas fotos de suas viagens: Montevideo, Buenos Aires, Toronto, Paris... Mas agora estava ali, diante de inúmeras redações para corrigir e teses aguardando seu parecer, livros para ler e sua imagem refletida no vidro de um velho relógio cinza que persistia em fazer tic-tac.

Tic-tac. Tic-tac. Uma e quarenta. A professora se endireita na cadeira, se espreguiça, faz estalar o pescoço, coloca seus óculos. “Preciso começar...” Escolhe a primeira redação do cahamaço, apanha seu lápis, começa a ler e fazer anotações. A ponta do lápis quebra. Ela procura o apontador em meio a sua bagunça, acaba por derrubá-lo, ele rola em direção a um canto escuro da sala. Ela respira fundo, dá mais uma olhada para o relógio, pondera ir pra cama e deixar tudo ali, mas é vencida pelo cumprimento das obrigações, ajoelha-se para pegar o apontador quando sente tocar em um manto comprido.

- Estava procurando por isto?

Era ela. A professora resignou-se. Voz sombria, alta, magra, esguia, gadanha numa mão e o apontador na outra. A professora levanta-se de sobressalto, dando um pulo para trás. Saiu

correndo até a porta, mas sentiu as mãos geladas da Morte apertando seu braço com uma pérfida doçura, arrastando-a para o lado oposto.

- Não fuja. A mesma hora bate para todos, e para você é agora. Venha, vamos embora.

- Não, por favor... Há tanto para fazer, tantas coisas... Meus alunos, meus trabalhos...

- Vão publicar depois que você partir, não se preocupe. E seus alunos ficarão bem.

- Eu não posso partir, por favor, me solte! - A professora puxou seu braço com força, escapando por um momento, saiu correndo em direção à saída, olhou para trás num segundo e perdeu a Morte de vista; quando deu por si, estava enroscada em seus braços assombrados.

- Para de fugir! Tenho muitas coisas para fazer, muitas pessoas para buscar ainda hoje, não tenho tempo para brincar de pega-pega.

- Espera! Tenho uma proposta para você.

A Morte, já com a mão na maçaneta, parou por um segundo, semicerrando os olhos.

- Diga.

- Eu proponho um jogo. Se você vencer, eu vou com você. Se eu vencer, você me permite envelhecer antes de voltar para me buscar.

- Que jogo?

- Vinte e um.

- O que?

- Vinte e um. Um baralho repartido ao meio, metade para você e metade para mim. A primeira que somar vinte e um com

três cartas vence a rodada. Melhor de cinco. O que você acha?

“Ora, faz tempo que eu não ouço uma proposta assim” - pensou. “A última foi com um cavaleiro e um jogo de xadrez”.\*

- Acho justo.

A professora acendeu a luz da sala de jantar, arrumou a mesa e convidou a Morte a se sentar. Foi ao quarto e voltou para a sala com as cartas, passou-as para a Morte embaralhar. Ela embaralhou e devolveu para a professora, que cortou o monte ao meio. Deixou que a Morte escolhesse seu monte. Uma de frente para a outra, olhares em alinhamento, penetrantes. A professora, surpresa com sua própria atitude, descobrira em si uma vontade enorme de viver; a Morte, admirada com a ousadia da professora, ficara ali só por causa da interessante tentativa de negociação por parte de sua adversária.

E começou o jogo. Na primeira rodada, a Morte levou a melhor. Na segunda, a professora empatou. Na posterior, rodada da Morte; na quarta, a professora venceu. Faltava uma, quando a Morte olhou para o relógio cinza fazendo tic-tac.

- Continuamos amanhã. - disse, colocando suas cartas sobre mesa, ocultas.

- Como assim? Falta só uma rodada...

- Você quer se render? Posso te levar agora mesmo, se você quiser...

- Claro que não!

- Então até amanhã, professora.

Antes que pudesse responder, a Morte já tinha sumido. A professora dirigiu-se até a mesa e, ainda atônita, virou as três primeiras cartas de seu monte. Dezenove, deu a soma. Vagarosamente, virou a primeira do monte da Morte: um nove. A segun-

da, um dez. “Ah, impossível, sair um dois... o jogo está no papo.” Apagou as lâmpadas e foi dormir tranquila. No dia seguinte, levantou cedo, tomou seu café e saiu para trabalhar, sentindo-se completamente segura com sua eminente vitória. Deu suas aulas, prometeu entregar os trabalhos que ainda estavam por corrigir no dia seguinte.

Ao fim do expediente, enquanto guardava suas coisas na bolsa, sentiu uma dor aguda no peito. Sentiu-se desfalecer, sua respiração pesada, suas pernas faltarem. Tombou ao chão gelado, sentiu seus olhos se fecharem sem que ela pudesse evitar, numa ávida batalha consigo mesma para não se entregar à escuridão. Houve um minuto de absoluto silêncio. Ela não conseguia pensar, nem explicar, apenas sentir a friagem do chão envolver seu corpo. Em seguida, num susto, abriu os olhos e se viu em pé, de volta ao apartamento, de frente com a mesa, a Morte sentada, diante das cartas viradas e um leve sorriso no canto dos lábios. A professora mal podia acreditar em seus olhos quando viu a Morte, com seus dedos finos e compridos, virar lentamente a terceira carta de seu monte.

Dois. De espadas.

\*Inspirado por “**O Sétimo Selo**” (Suécia, 1957); dirigido por Ingmar Bergman.

Alexandro Augusto Oliveira

Bruna Maria dos Santos

Edilson Lima Alves

Fabício Costa

Fernanda de Paula Nakata

Fernando de Jesus Guilger

Gabriela Paes

Júlio Cesar Monteiro Junior

Maria Luis de Mello

Mayara Martins

Nathalia Santos

